



MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO DOCENTE EM LICENCIATURA INTERCULTURAL

GT 4: EDUCAÇÃO E POVOS INDÍGENAS

Relato de experiência

Maria Aparecida dos Santos 1 (UNEMAT) (aparecida.santos@unemat.br)

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira 2 (UNEMAT) (waldineiaferreira@unemat.br))

Introdução

Início este relato de experiência a partir da vivência no estágio supervisionado, pois como estudante do Programa de Mestrado em Educação PPGEDU/UNEMAT, há a exigência para o cumprimento de uma jornada de 60h de estágio em curso de graduação/formação de professores/as. Considerando que o projeto de pesquisa em desenvolvimento, tem a intenção de compreender o movimento migratório de estudantes indígenas para a Escola Estadual Irmã Diva Pimentel, no município de Barra do Garças – MT, observando os encontros e desencontros entre as culturas, a opção mais adequada foi realizar o estágio em um curso de Licenciatura Intercultural, para produzir encontros desta estagiária com grupos indígenas em processo de graduação. E, ao mesmo tempo experienciar o processo de formação de ‘professora’ em nível superior a partir dos compartilhamentos de planejamento e execução pedagógica.

O estágio foi realizado no Curso de Licenciatura em Matemática Intercultural da UNEMAT, *Campus* Universitário do Médio Araguaia “Dom Pedro Casaldáliga”, onde acompanhei e participei das ações pedagógicas da disciplina Etnomatemática, a mesma ocorreu entre os dias 29 de julho até o dia 03 de Agosto de 2024. A organização do curso é de sistema parcelado-modular, com uma duração de 4 anos, funciona no período de férias escolares (a maioria dos cursistas são professores/as em suas aldeias) e é nesse período que os estudantes se reúnem para a etapa de aulas presenciais, que acontece em janeiro e julho.

Além das etapas presenciais, há as etapas intermediárias que acontece ao longo do ano, e para este outro período os estudantes recebem orientações na etapa presencial e também de forma remota para que possam cumprir com as atividades propostas pelos/as professores/as.

Realização



O que se segue são relatos da trajetória na formação docente e didática de uma mestranda do PPGEDU/UNEMAT.

Percepções do caminho: Uma trajetória em viagem e formação didática de uma pesquisadora

Para que chegasse no interior do Curso de Licenciatura em Matemática Intercultural em Luciara-MT, foi preciso fazer o caminho e, ele se deu desde os primeiros contatos com o professor titular da disciplina, o planejamento, enfim...

E é a partir dos primeiros contatos que a trajetória em estágio desta pesquisadora foi se constituindo em diálogos com o professor da disciplina, mas também com a orientadora da pesquisa, desde o momento da seleção do lócus do estágio. Para compartilhar esta experiência a faço pela narrativa do vivido, como quem escreve sua própria história buscando evidenciar os processos e as reflexões deste caminhar. Assim o relato que faço se ancora na narrativa autobiográfica, e ela

É o fruto de um processo de reflexão parcial, a meio caminho do percurso seguido pelo sujeito no decorrer da vida. Cada etapa desse percurso se constitui tanto no fim de uma interrogação como é o ponto de partida de outra. O trabalho com narrativas autobiográficas implica a forte participação do indivíduo que, por sua vez, se compromete com o processo de reflexão, orientado pelo seu interesse, e que o leva a definir e a compreender seu processo de formação (Santos e Garmsp, 2014, p. 4099)

É nesse processo de reflexão, com muitas interrogações, encantos que vou me constituindo dentro do estágio em que vai se tornando um elemento de formação importante. Mesmo que já tinha uma certa familiaridade com a Etnomatemática, era a primeira vez que desenvolvia a ação de professora, e de professora dentro da graduação em uma licenciatura intercultural.

Preciso dizer que a trajetória desenhada nesta formação é composta por várias leituras, e dentre elas a viagem geográfica, que se deu com a saída da Barra do Garças rumo a cidade de Luciara-MT, que está localizada às margens do Rio Araguaia, distante a 1.167 km da capital do estado, com uma população de aproximadamente 2.550 habitantes. Esse trajeto foi percorrido junto ao professor da disciplina, então os diálogos foram se consubstanciando em viagem, escutas e compartilhamentos do que e como desenvolveríamos as ações em sala de aula. Observei a bagagem pedagógica composta por balança; garrote; palitos, entre outros utensílios que seriam utilizados nas aulas.



Chegando em Luciara, fomos em direção ao Campus Universitário e em seguida para o dormitório onde fiquei alojada durante todo o período do estágio. Tomei banho e como já era noite, fui para o refeitório para a janta, e, foi neste lugar que encontramos alguns estudantes indígenas, entre eles o Professor Bismarck, mestrando do Programa de Pós Graduação em Ensino do Contexto Intercultural Indígena PPGEII /UNEMAT que também estava cumprindo a etapa do estágio.

Ao acordar, tomei o café da manhã no refeitório, meus olhos correram todo o ambiente e observei várias estudantes, entre elas, a presença de algumas crianças que também compartilhavam o momento do café da manhã conosco. Eram as alunas com seus filhos e filhas, uma dinâmica de organização diferente do que estamos acostumados em outros ambientes acadêmicos. Compreendi a importância dessa atitude, pois as estudantes “mães” precisam levar seus filhos/as, uma dinâmica de cuidado não apenas com as crianças, mas com as mães. Pois crianças e adultos têm garantido cuidados em todos os sentidos alojamento, alimentação e estado de sentimento de acolhimento.

Enfim, adentramos a sala de aula, o professor apresentou a ementa da disciplina e a equipe que contribuiria nas atividades desta semana. Aos poucos fomos conhecendo os estudantes e os mesmos são em número de quarenta, pertencentes a seis povos indígenas: Iny (Karajá), A'uwê (Xavante), Apyãwa (Tapirapé), Ikpeng, Mebêngôkre (Kayapó) e Apaniekrá (Kanela). Compreendi a perspectiva intercultural, pela presença da diversidade cultural de povos indígenas e, pela proposta do curso. Pois, a formação de professores/as indígenas assume princípios interculturais alinhados a educação libertadora, pois são e fazem parte de

[...] uma educação/formação ultra e intercultural em busca de justiça, direitos e reconhecimentos étnicos. Assim, tratar da formação de professores/as não se distancia da formação humana e das finalidades desta formação. Pois, aprendemos em Paulo Freire que a educação em nada é neutra (Ferreira, Sales e Zoia, 2021, p.50)

Como é uma formação que não aceita neutralidade, tem princípios próprios e se contextualiza com os conhecimentos dos povos indígenas e com outros conhecimentos necessários à vida nesta sociedade. Uma das práticas pedagógicas que muito chamou a atenção foi o processo de acompanhamento pedagógico via escrita de um caderno de memória, um caderno em que os estudantes, um por vez, escrevia o relato do dia. O caderno de memória é como um diário, onde a pessoa escolhida relata as atividades ministradas na aula do dia, que é lido no dia posterior para toda a turma. Este caderno é um registro importante da

prática pedagógica vivida na disciplina, ele se constitui como uma ferramenta valiosa de documentação e avaliação contínua.

O estágio então, se concretiza como uma pluralidade de experiências, de conteúdos, de interculturalidade, de coletividade, ou seja, [...] prepara para um trabalho docente coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais (Garrido, Lucena, 2005-2006, p.21)

É nessa constituição coletiva que a disciplina Ensino da Matemática em Escolas Indígenas - Possibilidades da Etnomatemática, se desenvolveu abrangendo temáticas e reflexões abordando: O que é Etnomatemática, suas perspectivas pedagógicas; conhecimentos/matemáticas de grupo sócio culturalmente identificados; políticas de currículo e avaliação nas escolas indígenas; Pesquisas e visões de etnomatemática e aspectos da natureza da Educação e da Educação Matemática no contexto das escolas indígenas. Assim, como estagiária auxiliei e acompanhei todos os desdobramentos das aulas, e aprendi a docência de maneira intercultural, tendo a etnomatemática como elemento condutor de todo esse processo.

Foram desenvolvidas várias atividades com o uso de pneus, canteiros, roteadores, placas, gramado, caixa d'água, poste, janelas, bola, azulejo do banheiro, entre outras, que serviram de elementos de uso na cotidianidade e exemplos de compreensões matemáticas. Uma visão em que a matemática é parte de tudo que está no cotidiano. Também aprofundou-se nas experiências matemáticas interculturais dos diferentes povos presentes em sala de aula. Dentro desta perspectiva, exemplifico uma das vivências, a etnomatemática presente em dança indígena, os estudantes da etnia Mebêngôkre (Kayapó), nos apresentou uma dança que simboliza um dos marcadores de tempo utilizados por eles: a do “corte de cabelo das meninas”, que é feito para acompanhar o crescimento do milho nas plantações. Eles nos relataram que à medida que o cabelo das meninas cresce (após o corte), o milho cresce junto e que essa prática garante que ambos, (cabelo e milho) cresçam mais fortes, uma relação entre tempo e tamanho associado as plantações.

Então, falar em etnomatemática é conforme D'Ambrósio (2005) familiarizar-se com o estranho de maneira respeitosa, conhecer a ciência cotidiana e de outros grupos principalmente daqueles colonizados. E de acordo com Filho e Silva (2023, p.4) a etnomatemática faz parte na atualidade de uma compreensão decolonial, pois o movimento

está na emergência das matemáticas dentro de “[...] debates e teorizações de movimentos acadêmicos que se opõem ao pensamento científico colonial”.

Além de todas as atividades realizadas durante essa semana em sala, o Professor regente encaminhou uma atividade para que os alunos pudessem fazer no período intermediário, quando estarão em casa, intitulado: “Etnografia nas atividades culturais”, onde os estudantes deverão propor atividades culturais nas comunidades a que pertencem utilizando a etnomatemática no seu desenvolvimento.

Esses movimentos do estágio na licenciatura intercultural mexeram comigo e me colocaram em sentido de reflexão acerca dos povos indígenas, de como são enxergados e acima de tudo da importância de cursos interculturais de acesso a uma educação acadêmica pautada nos conhecimentos e na ciência não indígena e indígena.

Considerações finais

O estágio faz parte de uma formação docente importante as pessoas que não tem experiência em ensino superior, é uma formação-docente reflexiva em diversas dimensões, inclusive a pessoal.

O estágio me aguçou a pensar a própria realidade da acolhida da escola básica aos estudantes indígenas, e me coloquei a refletir sobre as problemáticas da pesquisa em desenvolvimento. Marcou a prática do caderno de memória porque contribui para um ambiente de aprendizado dinâmico e colaborativo, promovendo o desenvolvimento de habilidades acadêmicas e pessoais essenciais para os estudantes. Estava finalizando o estágio com uma complexidade de aprendizagens que me moveram como pessoa e como pesquisadora da realidade dos estudantes indígenas que frequentam a escola não indígena, mesmo havendo escolas indígenas em suas comunidades.

Enfim, a tarde foi chegando e aos poucos a sala foi se esvaziando. A medida que os estudantes terminavam suas avaliações de como foi o desenrolar da disciplina, foram se despedindo. Nesse momento a alegria era evidente no semblante de cada um e de cada uma. Na bagagem eles e eu levamos ensinamentos... muitos. Daqueles que fazem com que reflitamos o que é educação, para que e para que mela deve servir, e ainda como deve ser realizada. Foi uma experiência incrível que me deixou encharcada de aprendizado. Uma oportunidade muito especial de conviver com essas diferentes pessoas, que me acolheram de forma tão respeitosa e amorosa que nem consigo mensurar.



As aulas fluíram de forma muito tranquila. Os estudantes são interessados e esforçados para entender o conteúdo, pois dentro das diferenças mencionamos a língua, muitos tem o português como Segunda língua. Não posso terminar esse texto sem dizer duas coisas: a primeira é sobre o tamanho do meu encantamento com o jeito educado desses estudantes ao se dirigirem aos professores, sempre cordiais e doces no tratamento, uma expressão de humanidade.

A segunda é sobre o cuidado que a Unemat tem com esses estudantes. Pois tenho visto pela experiência de vida que estudantes indígenas em contextos de formação não intercultural, são na maioria das vezes invisibilizados e ignorados. Assim, afirmo que o estágio possibilitou várias aprendizagens e posicionamentos, entre eles que cursos de formação intercultural são necessários para que os povos indígenas tenham oportunidades de se relacionarem de forma mais democrática com as sociedades.

A noite chegou e pela manhã fizemos a viagem de retorno, seguimos logo cedo rumo as nossas casas... A bagagem estava enorme!

Referências

D'AMBROSIO, U. **Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. Educação e Pesquisa**. V. 31(1), 99-120, 2005.

FERREIRA, W. A. de A.; SALES, A. O. E; ZOIA, A. FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA EDUCACIONAL. **Gavagai - Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 8, n. 1, p. 49-65, 8 jun. 2021. Disponível: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/GAVAGAI/article/view/12426>. Acesso em: 03 out.2024.

FILHO, João Severino; SILVA, Adailton Alves da. As emergências das matemáticas e a decolonização do pensamento científico do lado de cá. **Revista de Educação Matemática**, [s. l.], v. 20, p. e023073, 2023. DOI: 10.37001/remat25269062v20id787. Disponível em: <https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/article/view/17>. Acesso em: 5 out. 2024.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis** -Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006. Disponível: <https://inbio.ufms.br>. Acesso em 04 de Out. 2024.

SANTOS, Héllen Thaís Dos e GARMS, Gilza Maria Zauhy, **Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores**. Anais do II Congresso Nacional de Formação de Professores XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. São Paulo, 2014.